Hellen Cristina Picanço Simas
(Organizadora)
Histórias Ancestrais
do
Povo Parintinense
Atena
Editora
Ano 2021

Hellen Cristina Picanço Simas
(Organizadora)
Histórias Ancestrais
do
Povo Parintinense
Atena
Editora
Ano 2021

Hellen Cristina Picanço Simas
(organizadora)

# Histórias Ancestrais do Povo Parintinense

Atena Editora
2021

SEMCULT
Secretaria municipal de
Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

Histórias ancestrais do povo parintinense

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo
**Correção:** Maiara Ferreira
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga
**Revisão:** Jocifram Ramos Martins
**Organizadora:** Hellen Cristina Picanço Simas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

H673 Histórias ancestrais do povo parintinense / Organizadora Hellen Cristina Picanço Simas. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-782-3
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.823211412

1. História do Amazonas - Parintins/AM. 2. Povo parintinense. I. Simas, Hellen Cristina Picanço (Organizadora). II. Título.

CDD 981.13

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao texto publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do *e-book* ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Aos nossos idosos, cujas vidas foram ceifadas pela COVID-19

# APRESENTAÇÃO

Quando criança, sempre ouvia minha avó Rosa contar histórias de visagens. Ela sentava de tarde, na sua cadeira de embalo, na varanda de sua casa, no São Benedito, esperando pelas visitas, que sempre apareciam para conversar. Eu ficava lá ao lado dela e ouvia as suas histórias. Desenvolvi um respeito pelas suas narrativas e, à medida que o tempo passava, eu passava a guardar os relatos dela como uma doce lembrança, a qual me ajudava a superar a saudade da minha avó após seu falecimento.

Este livro surgiu justamente da vontade de trazer à memória sua voz e suas histórias, juntamente como o desejo de dar voz a outros idosos e de registrar suas memórias. Histórias que são uma riqueza sobre a identidade do homem e da mulher amazônidas, que tanto embalam o imaginário do povo parintinense.

Nosso objetivo inicial era entrevistar idosos, mas veio a pandemia ocasionada pelo Coronavírus, justamente atingindo de morte nossos velhos. Muitas vidas foram ceifadas, inclusive a primeira morte na ilha tupinambarana, Parintins, foi da idosa Maria Regina Marinho de Souza, benzedeira e puxadeira, que seria convidada para compor nossas entrevistas.

A covid-19 atrasou o projeto, mas não o impediu. Mudei o perfil dos entrevistados, visando preservar nossos velhos e surgiu o um novo objetivo: homenagear os nossos velhos por meio das narrativas sobre visagem que contavam. Então, lancei o convite a pessoas que conviviam com idosos ou desejavam relatar as histórias que ouviam deles, como forma de prestar uma homenagem a seus entes queridos. Muitos, inclusive, relataram que tinham vergonha de contar as histórias, porque as pessoas hoje iam rir deles, dizer que era mentira. Porém, resgataram em suas memórias as histórias sobre visagens que ouviam quando criança ou mesmo que vivenciaram e as narraram.

Descrevi fielmente os relatos e preservei a variação linguística popular e regional dos entrevistados em suas narrativas, por isso aparecem trechos com concordância verbal e nominal diferente da utilizada na linguagem padrão da língua portuguesa, bem como aparecem palavras de uso regional e com estrutura sintática embasada na oralidade. Destaco que alguns entrevistados, preferiram enviar seus textos escritos, por isso possuem menos marcas da oralidade e maior proximidade com a variação padrão da língua portuguesa.

A obra que hora apresento ao público foi elaborada com o desejo de que sirva para o fortalecimento da identidade amazônida, especialmente a identidade parintinense. Espero que chegue aos jovens e que eles se orgulhem da nossa cultura oral, das nossas memórias que hoje são registradas nesse livro.

Boa leitura!

Hellen Cristina Picanço Simas

Universidade Federal do Amazonas

## MISTÉRIOS NA AMAZÔNIA

Você acredita em visagem e em encantamento? Se não acredita, leia as *Histórias Ancestrais do Povo Parintinense*, contadas pelos habitantes da cidade e das redondezas do município de Parintins. Sua descrença, leitor, pode se modificar. Se acredita, então você pode encontrar algumas histórias que você ainda não conhecia, ou que se parecem com uma história que você ouviu, mas agora se passa em outra casa, em outro bairro, em outro lago, com outras pessoas conhecidas do seu Fulano ou Sicrano. Essas histórias estão preservadas no imaginário dos moradores de Parintins no século XXI.

Hellen Cristina Picanço Simas reuniu, no mencionado livro, algumas das histórias desse imaginário e, assim, nos entretém e estimula nosso interesse pela vida nessa cidade da Amazônia. A pesquisadora priorizou as narrativas orais feitas por idosos que participaram de um acontecimento misterioso ou as ouviram contar por uma pessoa próxima: mãe, tia, avós, vizinha, amigo, rezador ou pajé. Os idosos as transmitiram para filhos, netos e bisnetos, e estes têm dado continuidade às narrativas.

A organizadora da coletânea diz que o livro resultou de uma pesquisa que foi interrompida pela pandemia da Covid-19, fato que a fez mudar algumas etapas do trabalho, mas que manteve o propósito inicial de registrar e de ressaltar a riqueza do universo cultural de apenas um dos municípios localizados no Baixo Amazonas. Afirmo que é "apenas de Parintins", porque todo pesquisador precisa delimitar sua investigação para ela ser cumprida em determinado espaço e tempo marcado para sua execução e porque certamente os outros municípios da Amazônia têm inúmeras histórias orais semelhantes ou diversas dessas que aqui são lidas.

Nessas histórias orais que foram transferidas para a escrita por parte de cada contador de história, a pesquisadora Hellen Picanço preservou o modo como o contador narra, com as pausas e os outros marcadores de tempo e de espaço feitos no processo da fala; a retomada de partes da história para chamar a atenção para os detalhes que formam o mistério do que está sendo contado; o uso coloquial da língua, inclusive o vocabulário regional. Os temas variam de visagens de humanos mortos ou transformados em animais, animais transformados em humanos, entidades protetoras da floresta, pessoas encantadas e profecia do desaparecimento da cidade de Parintins. As histórias possuem ilustração da visagem, indicando que esse recurso dá mais veracidade para o que está sendo contado, quando tenta tornar concreto o sobrenatural e mostrá-lo na realidade.

As histórias mostram os encantamentos e as visagens circulando pelos lugares públicos, ruas, bairros e festas de Parintins, sendo possível fazer uma cartografia desta

cidade, desenho no qual seriam mostrados os logradouros e as instituições que surgiram há mais tempo e as que se estabeleceram mais recentemente e onde essas experiências de visagens têm acontecido. Outra questão que permite fazer a mencionada cartografia reside em que os contadores e os personagens envolvidos nas histórias são pessoas conhecidas no município e que vivem nos bairros e nas localidades, como Kenedi Santos Azevedo, do Bairro da União.

Os contadores nos levam a observar as mudanças da paisagem da cidade, a transferência ou construção de uma igreja, uma escola, um hospital, bem como a passagem do tempo, quando é mencionado que um personagem ainda estava vivo, ou era criança, ou ainda não tinha se casado ou não tinha filhos. Assim, é possível observar a cidade crescendo, ao mesmo tempo, em que seus moradores vão preservando, aumentando e adaptando ao contexto as histórias que passam também a acontecer nos bairros recentemente surgidos.

Essas histórias desvendam para o leitor o universo cultural do Baixo Amazonas, onde os antigos povos da Amazônia, junto com o caboclo, os descendentes dos povos africanos e dos nordestinos que vivem no município de Parintins ainda dividem relativo vínculo de respeito entre eles e a natureza, talvez pelos seguintes fatores: o meio de transporte pela água é frequente; as casas são construídas próximas da água – lago, igarapé, rio; a alimentação é predominantemente baseada em peixes, caça ou pequenas criações; há a convivência com seres e com fatos que poderiam ser entendidos como sobrenaturais, mas que parecem se naturalizarem nas experiências diárias. O sobrenatural parece naturalizar-se, porque em algumas histórias os participantes não o acham estranho, não sentem medo de interagir com seres sobrenaturais, nem consideram essa experiência como algo que está fora das leis conhecidas da realidade, embora o acontecimento narrado pareça ter leis próprias.

Perguntamos como o ouvinte e o leitor das narrativas as recebem. A resposta vem de alguns contadores de *Histórias Ancestrais do Povo Parintinense* que ligam a transmissão da história ao vínculo afetivo com o contador, avós, pais, tios, lideranças espirituais em determinadas culturas. Verificamos, então, uma atitude de respeito do ouvinte para com a sabedoria do contador, que geralmente é uma pessoa idosa. Esta figura afetiva possui autoridade para narrar sua experiência para o ouvinte que a sente como um aprendizado para entender o mundo, mesmo que, para isso, seja preciso sair da realidade marcada pelo excesso de racionalidade. Então, o ouvinte se despoja da realidade, escuta o contador e vai percebendo que a vida é complexa, porque alguém mais vivido que ele e que se constitui em exemplo, assim, revela o mundo. Dessa maneira, os laços entre as pessoas e a natureza, entre os membros da família e da cidade e elementos culturais vão sendo adquiridos, se fortalecem e, ao mesmo tempo, vão se transformando.

A reunião de narrativas de *Histórias Ancestrais do Povo Parintinense* valoriza os contadores de histórias sobrenaturais e nos resgata como um tipo de ouvinte que se desliga da realidade e mergulha no mundo misterioso de uma Amazônia, situada no Baixo Amazonas – Parintins.

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira

Universidade Federal do Amazonas

## SUMÁRIO

## O CALÇA-MOLHADA

***In memória*** **de Ermínia Leocádio da Silva**

**Hellen Cristina Picanço Simas**
Moradora do Emílio Moreira

Minha tia me contou que, quando ela era criança, a avó dela, Ermínia Leocádio, pedia para os netos rezarem e dizia quando eles custavam a dormir: - Olha, gente, vamos dormir, porque, se não, à meia-noite, o Calça-Molhada vai passar e vocês vão ouvir ele passar fazendo zoada, uma perna e outra na calça, fazendo aquela zoada de molhada.

Minha tia explicou-me que minha bisavó achava que o Calça-Molhada era um soldado que tinha morrido afogado e, à meia-noite, voltava para casa dele. Ela dizia que ele saia do rio Amazonas, perto da antiga escola estadual Ana Rita de Freitas[1], bairro de São Benedito, depois atravessava a rua Armando Prado e passava lá no lado da nossa casa (no caso, casa da minha bisavó) para chegar a antiga rua Vicente Reis, hoje Lindolfo Monteverde. De lá, ele seguia em direção à baixa do São José.

Minha tia disse que nunca o viu e que ninguém se atrevia a ficar acordado para ouvir ele passar.

1. Atual Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC.

# O BOTO DA FESTA DO CORAÇÃO DE JESUS

**João Melo Farias Tupinambarana**
Morador do São José Operário

Nos tempos em que o Dom Arcângelo comandava com zelo e desvelo a prelazia de Parintins, descobriu casualmente em conversas com seus confrades que, nove meses após as festas dedicadas aos santos, aparecia uma enorme leva de filhos sem pais.

Nasceu, assim, a preocupação do pároco-mor com a desestruturação familiar das mulheres sem maridos. E atribuiu o fato ao mito das Amazonas, as mulheres guerreiras também sem maridos.

O Dr. Romualdo Corrêa, que dirigia naquela época o Hospital Jofre Cohen, confirmou as especulações estatísticas do Sr. Bispo. Contudo, a constatação não foi bem-vinda pelos religiosos, pois as mulheres diziam que eram filhos do boto. O Bispo dizia que isso era coisa do "povinho credulão" (CERQUA, 1980) e não aceitava a crendice do povão.

Mesmo assim confabulou com os frades que criassem em suas igrejas uma brigada religiosa formada por "Marianos" pescadores (entendidos de botos) e comandada por catequistas (de sua maior confiança), que, armados de terços, zagaias e arpoeiras, caçariam os botos namoradores, numa clara tentativa de desmitificar a crendice popular.

Durante a festa do Sagrado Coração de Jesus daquele ano, a patrulha antibotos estava a postos circulando entre os devotos desde a procissão até o arraial. Por volta da meia-noite, identificaram um jovem de tez branco-avermelhada, vestindo camisa branca e calça vincada, de puro linho, fortemente perfumado, com um chapéu de murumuru sobre a testa, que, todo faceiro, galanteava as caboclas presentes no arraial.

A macharada instigada pelo ciúme e pela ordem dos padres, ao verem as jovens mulheres caindo nos encantos de um forasteiro, armaram-se de cacetes e arpões e foram se postar na escadaria ao lado da casa do Chico Ianuzzi, pois, se o rapaz fosse boto, esse seria o único caminho para voltar às águas do rio Amazonas.

Antes do alvorecer, o rapaz veio no rumo da escadaria, trazendo consigo uma moça que parecia enfeitiçada ou muito embriagada. Quando começaram a descer a escadaria, os Marianos cercaram o rapaz e perguntaram pelo nome do pai dele. O rapaz ficou calado. Os milicianos foram fechando o cerco no intuito de agarrar o jovem. Este percebendo a intenção do grupo, agachou-se e, quando se levantou, suas roupas se rasgaram e uma forte catinga de peixe podre invadiu o local. Todos sentiram-se enjoados e vomitaram. O estranho largou a moça e desceu a escada aos pulos, no rumo das águas. Um dos homens que estava se recompondo das náuseas pegou seu arpão e num tiro certeiro fincou-o meio de suas costas, que soltou um ronco surdo de dor, mas que, mesmo arpoado, conseguiu se jogar nas águas e rompeu a linha do arpão que suportava a tensão da pesca de grandes pirarucus.

Os homens subiram as escadas e se dirigiram a casa do Sr. Bispo, que ficava a

poucos metros de onde tudo aconteceu, para contar-lhe o ocorrido.

O homem que perdeu sua arpoeira pediu apenas que lhe fosse reposta outra, pois não dispunha de dinheiro para comprar uma nova. O pároco pegando-o pelo braço disse-lhe candidamente que Nossa Senhora do Carmo lhe daria uma nova. (E assim o fez, naturalmente, com a verba arrecadada nos leilões em honra à padroeira de Parintins).

Passados três dias, lá pelas bandas da Vila Amazônia, a jusante dois quilômetros da cidade de Parintins, boiou o corpo morto de um grande boto vermelho, com um arpão cravado no dorso.

A partir desse dia, o Bispo Dom Arcângelo Cérqua deixou de falar em suas homilias e conversas que os caboclos ribeirinhos eram um “povinho credulão”.

Nos idos dos anos 70, durante meu internato no Seminário João XXIII, ouvi esta história da boca do próprio senhor Bispo, junto com os Pes. Dinelly e Dilson (a quem presto hoje esta humilde homenagem em suas memórias).

# O BOTO PESCADOR

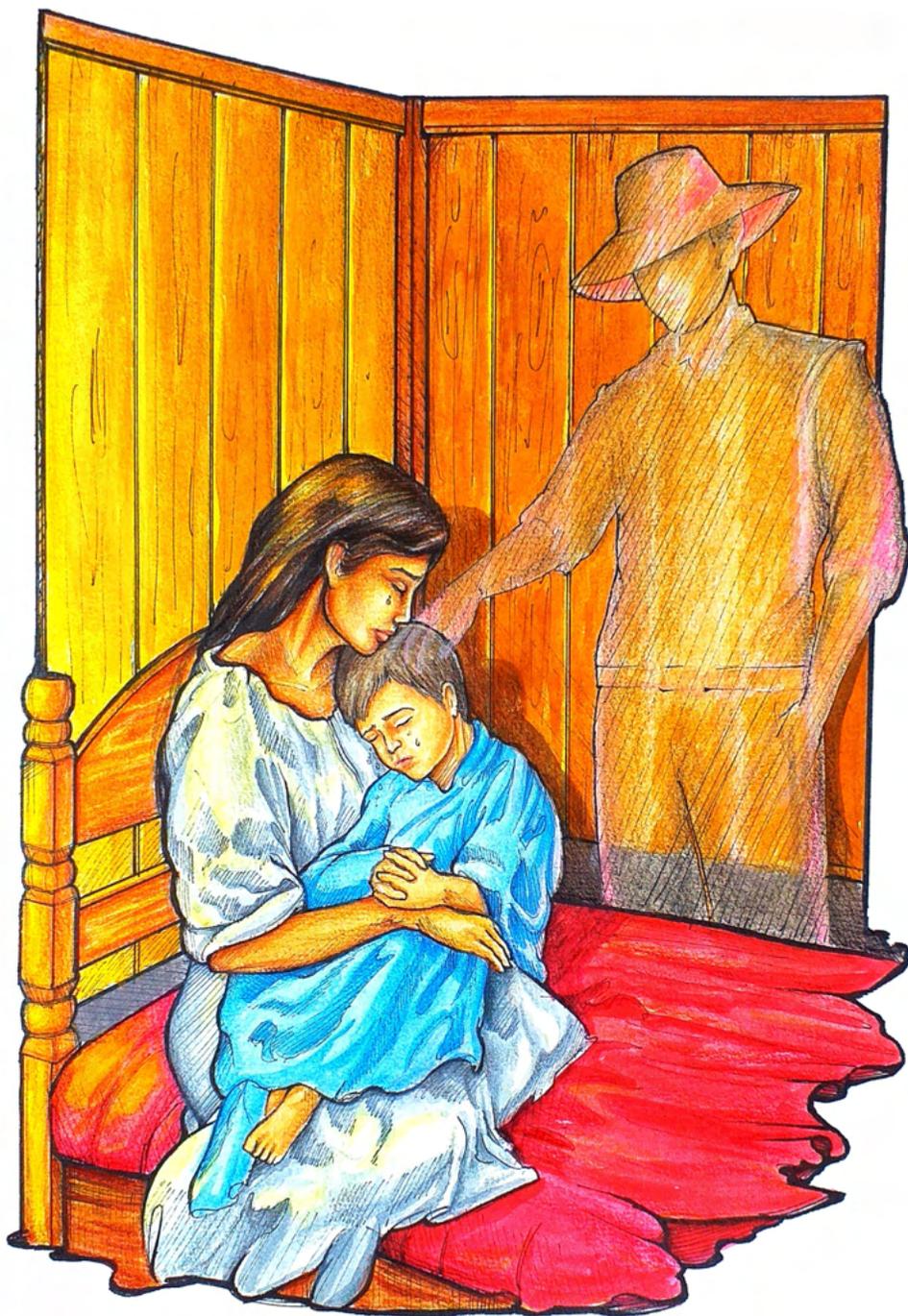
**Anne Cristiane Godinho**
Moradora do Macurany

Eu me chamo Ane Godinho. Eu tinha 15 ou 16 anos... e o barco do meu pai estava parado num tilheiro, que foi para fazer a calafetagem. E, para isso, ele estava afastado do porto, né? Aí, para ir para terra firme, tinha que pegar um bote. Nisso, o rapaz que trabalhava no barco levou eu e minha prima até a escadaria para gente ir para casa, né? do barco para ir para casa. Aí nessa escadaria, ele só fez nos deixar. Estava eu e minha prima. Quando nós fomos subindo a escadaria, uma escadaria enorme assim, bem grande mesmo, e do lado da escadaria, ao redor, não tinha como outra pessoa aparecer, porque era um barranco e era mato ao redor, só tinha a escada para você passar. Então, não tinha outra pessoa para aparecer, só estava eu e minha prima. E eu "tava" indo na frente, ela "tava" indo atrás de mim. Quando a gente "tava" subindo a escada, é... não tinha ninguém, ninguém, ninguém, ninguém atrás da gente. Quando a gente ia subindo a escada, a minha prima encostou as mãos em mim e disse: - Ane sobe, vai mais rápido e eu olhei para traz, vinha um homem de..., ele usava um short de pescador, esse assim bem fininho, uma camisa aberta e um chapéu branco. Ele "tava" todo de branco, aquele branco encardido assim e ele vinha subindo a escada de cabeça baixa atrás da gente, e nós ficamos com medo, porque não tinha ninguém lá além da gente, né? Quando a gente subiu rápido, chegou lá em cima, né? A gente olhou para traz, não tinha mais ninguém.

E, nesse dia, a... enquanto a gente "tava" no barco, tinha muito, muito boto atrás do barco que... a gente "tava" mexendo com eles, inclusive a minha prima "tava" menstruada. E aí ela ....a cozinheira da época falava assim: - Taty, não mexe com o boto que não conhece, não mexe! Mas ela mexia, a gente mexia. Aí ela falava assim - batia na barriga dela e dizia: - Vem boto, vem boto. E a gente levou na brincadeira. Quando à noite, que a gente já ia para casa, foi que aconteceu esse fato. E nunca, nunca, nunca tinha passado por isso, nunca me esqueci. E falando nisso, eu lembro assim perfeitamente, nitidamente, a forma que o homem tinha e eu acredito nessa história do boto agora que aconteceu comigo, eu acredito. Antes para mim, isso era só lenda, era mentira, conversa, mas aconteceu comigo e com minha prima.[1]

1. Relato a partir de entrevista, por isso as marcas da oralidade.

# ENCANTADO

**Hellen Cristina Picanço Simas**
Moradora do Emílio Moreira

Em 2015, fui convidada a dar aula na aldeia de Nova Alegria, interior de Parintins, localizada no rio Waikurapá. Aceitei o convite e fui para lá na companhia do meu filho de 2 anos de idade, na época, e com uma moça que seria babá dele nesses dias em que eu estaria ministrando as aulas para os alunos sateré-mawé. A viagem foi tranquila e, chegando lá, fui recebida pelo tuxaua geral, que nos acomodou em uma casa que tinha sido posto de saúde na aldeia.

Meu filho ficou encantado com o lugar, fez logo amizade com as crianças do local e passou a brincar com elas. Somente uma brincadeira eu não permitia: tomar banho no rio, pois ele era pequeno, não sabia nadar. Porém, a babá dele sempre ficava mostrando o rio para ele e andando lá por perto da margem. A babá dele comentou com uma menina sateré que estava menstruada, a menina logo disse: - Você precisa andar com alho para espantar o boto e não ficar perto do rio. Ela sem saber do costume na aldeia, tinha ficado uns dias sem essa proteção do alho e andando perto do rio. Mas, até então, nada de anormal tinha acontecido.

Porém uns dias antes do nosso retorno para a cidade, comecei a sonhar com ex-namorados meus me pedindo em casamento e eu dizendo não para eles no sonho. No terceiro dia, sonhei com o meu namorado da época me pedindo em casamento e também disse não para ele. Por fim, no quarto dia, data do retorno para a área urbana de Parintins, sonhei com um homem muito bonito, alto, branco de olhos verdes. Parecia aqueles galãs das novelas. Também veio pedir para casar comigo e eu disse não também para ele. Então, diferente dos outros sonhos, ele me respondeu: - Então eu vou levar a sua joia. Meu coração acelerou e eu me acordei apavorada. No mesmo instante, meu filho, na rede ao lado da minha, começou a chorar copiosamente. Tentei acalmá-lo de todos os jeitos, mas ele chorava muito e alto, sem abrir os olhos, era como se tivesse num pesadelo e não conseguisse acordar. Eu tão desesperada, rezava com ele no colo, pois não via outra forma dele parar de chorar. Era umas 3 horas da madrugada, e meu pequeno só fora se acalmar quando o dia já estava amanhecendo.

Começou a chover muito, mas a gente começou a se arrumar para partir da aldeia. Eu estava mal com o sonho, com o intenso choro do meu filho. Por isso, quando chegamos com as coisas na casa do tuxaua geral para nos despedir, contei para ele tudo o que tinha acontecido naquela madruga e os sonhos dos dias anteriores. Ele disse que a aldeia toda ouviu o choro da criança, e me falou que o homem do meu sonho era o boto e a joia que ele queria levar era meu filho. Meu coração acelerou novamente e logo perguntei como isso poderia acontecer. Ele respondeu que a criança fica encantada e começa a ouvir voz de mãe ou pai na direção do rio e vai para lá, aí se afoga e é levada pelo boto. Eu me desesperei, porque tudo fazia sentido, aquele homem bonito do meu sonho, meu filho é o

maior bem que eu tinha. Perguntei o que eu devia fazer para isso não acontecer. O tuxaua falou que o pajé precisava rezar em nós. Só que chovia muito e o rapaz que nos traria para Parintins já tinha chegado e a casa do pajé era do doutro lado do rio. Então, não tive outra escolha a não ser voltar para Parintins.

Quando coloquei os pés na cidade, um certo alívio ocupou meu coração, pensei que tudo ficaria bem. No entanto, nesta mesma noite em casa, às 3h da manhã, meu filho começou a chorar novamente da mesma forma que na noite anterior, só parando quando o dia amanhecia. Sim, foram dias seguidos assim, e eu não sabia o que fazer além de rezar. Eu já nem dormia mais. Quando o relógio se aproximava das 3h, eu já ficava apreensiva. Assim, foram uns quatro dias, contei para minha mãe e ela disse que meu filho precisava ser curado. Eu pensei: será que terei que voltar a aldeia? Na cidade, os rezadores já eram poucos e nem sabia mais por onde tinha um.

Felizmente, soube que alguns alunos sateré-mawé vinham para cidade para terem aula na licenciatura indígena. Fui chamada a dar aula para eles novamente. E quando entrei em sala de aula, antes de tudo, contei tudo que estava acontecendo comigo e meu filho e perguntei se eles conheciam algum rezador sateré para me ajudar. Eles prontamente apontaram um aluno da turma como sendo o pajé. Tinha vindo estudar. Eu fui logo falar com ele e combinei um horário para ele ir a minha casa rezar no meu filho. Ele falou que no dia seguinte iria a minha casa, porque precisava conseguir alguns produtos, que usaria na reza. Eu agradeci muito por ele ter se disponibilizado a curar meu filho, e fui para casa com certa esperança de que tudo ficar bem.

Nessa noite, antes das três da manhã, eu senti como se tivesse uma pessoa andando em casa e se dirigia ao meu quarto onde estava com meu filho. Ele dormia comigo na cama, eu não conseguia abrir direito os olhos, era como se eu tivesse ficado anestesiada, sentia, porém, a presença daquele homem em pé do meu lado da cama. Eu não conseguia me mexer, só conseguira rezar, pedindo a Deus para ele não levar meu filho. Somente quando o dia amanheceu ele foi embora e eu comecei a sentir meu corpo normal. Diferente dos outros dias, meu filho não chorou, fui eu que passei a madrugada lutando em mente com aquele homem para não levar meu filho.

Essa situação já durava uma semana, eu estava exausta psicologicamente. Pesquisadora, sempre envolvida com a ciência, não conseguira trazer resposta para aquela situação que fugia a qualquer forma racional de explicação. Lembrava das histórias da minha avó Rosa e pedia a ela para me ajudar a entender tudo e tirar o encanto do meu filho. Até que, no dia combinado, o pajé sateré veio a minha casa, trouxe uma pena de arara e tabaco. Pediu para eu sentar com meu filho no colo e começou a rezar, passava aquela pena de arara nos braços do meu pequeno e nas pernas como se tivesse jogando

alguma coisa para fora dele. Neste momento, eu acreditei piamente que aquela reza daria certo, coloquei todas as minhas energias positivas naquele momento para curar meu filho. Ele soprava a fumaça do tabaco nas mãos do meu filho, e ele colaborava, assistia tudo com muita atenção e participava daquele momento de forma muito colaborativa. Ao final da reza, ele falou que precisava vir mais um dia rezar nele e disse que ele estava encantado pelo boto, e disse que também precisava rezar em mim. Eu agradeci e combinamos quando viria de novo.

Na noite após a reza, finalmente dormimos bem. Eu ainda temerosa, mas fortalecida porque acreditava que o pajé estava nos curando do encanto do boto. Nos dias seguintes, o pajé me passou mensagem perguntando se meu filho estava bem e eu disse que sim. Aí veio mais uma vez, rezou nele e em mim. Finalmente, o encanto tinha sido retirado, e voltamos à rotina normal.

No entanto, eu nunca mais me esqueci dos sonhos que tive, da investida do boto para levar meu filho, e passei a respeitar muito as orientações dos antigos sobre o respeito com os seres encantados. Eu já acreditava nas histórias que a minha avó me contava, por isso não duvidei do encanto lançando no meu filho e dos procedimentos da medicina tradicional para curá-lo.

Eu sou uma pesquisadora, pessoa da ciência dos não-indígenas, mas me tornei mais do que nunca uma pesquisadora do imaginário ancestral, das cosmovisões dos povos indígenas, nossos ancestrais e respeitar ainda mais a medicina deles. Eu sempre conto essa história para as pessoas, por isso registro aqui essa memória, para afirmar que os serem encantados existem e se não nos protegermos dos encantos deles como os mais velhos orientam, podemos sofrer as consequências do desrespeito a eles. No caso, o pajé disse que o encanto aconteceu porque a babá do meu filho foi menstruada para margem do rio e sem usar o alho para espantar o boto.

# O BOTO NAMORADOR

**Antônio Corrêa Xavier**
Morador do Bairro São Francisco

Lá nas Onças, Onças[1]...para lá, para esses meios, tinha um caboco que ia toda noite lá na casa da "fia" do homem, molhar o bico, né? Aí ele vinha todo de roupa branca, pensavam que era boto. Aí diziam: - É boto, é bem boto, que vai lá com ela.

- Mas espera aí que eu vou caçar esse boto, o velho. Espera aí que eu vou caçar esse boto. Acostumado toda noite ...

Aí ia enchendo[2], bem rente a casa dele, era de lado da terra. Aí ele foi lá. O homem, o rapaz que estava de roupa branca, foi lá direito no velho. Aí o velho foi de recuada, o velho foi arrecuando, arrecuando... Aí lá... quando deu na parede: - Mas o que que tu queres, visagem? Aí a visagem foi embora. O homem que ia lá ... o rapaz que ia lá com a filha dele.[3]

---

1. Comunidade rural do interior de Parintins – Amazonas.
2. Referência ao fenômeno natural de cheia dos rios amazônicos.
3. Relato a partir de entrevista, por isso as marcas da oralidade.

# A RASGA-MORTALHA

**Tadeu Garcia**
Morador do Itaúna I

A rasga-mortalha é o nome popular dessa coruja, especialmente na região norte e nordeste do Brasil. O atrito de suas asas, ao voar, produz o som de um pano que está sendo rasgado. O povo acredita que, quando esta coruja passa sobre a casa ou pousa no telhado da residência e faz um piado, caso alguém esteja doente, esta pessoa morrerá.

Os antigos dizem que uma jovem chamada Suindara, daí um dos nomes da coruja, trabalhava como carpideira e era filha de Eliel, um feiticeiro muito temido na região. Suindara era muito inteligente e respeitada, e todos a chamavam de “coruja branca”. Porém a jovem começou a namorar Ricardo, filho de uma condessa chamada Ruth, que era muito preconceituosa e nunca aceitaria o romance. Para o azar do casal, Ruth descobriu o romance, marcou um encontro falso com Suindara e mandou um empregado matar a jovem.

Por ser muito querida, a cidade ficou em luto, enterrando Suindara e fazendo uma bela coruja branca em sua cripta. O pai da jovem acabou descobrindo o crime e fez um poderoso ritual para se vingar da assassina de sua filha. Ele foi até o túmulo e fez com que o espírito da jovem entrasse na estátua da coruja, fazendo com que ela ganhasse vida própria. Em seguida, a coruja foi até a sacada da janela onde Ruth dormia e começou a fazer o seu piado característico e, ao amanhecer, Ruth estava morta, com as roupas todas rasgadas. A partir daí, a coruja ganhou a fama de ser agourenta.

Em Parintins, a rasga-mortalha se constituía numa história muito contada, principalmente entre os mais idosos, nas décadas de 60-70.

As características da rasga-mortalha obedeciam àquelas citadas na história regional. Entretanto, o povo disseminava como o elemento da natureza mais agourento, tal qual a existência de pessoas que dotadas de sensores parapsicológicos, que, por meio de um simples olhar, se tornavam capazes de “secar uma planta vigorosa de pimenta malagueta”.

Notava-se que, na época da construção da Catedral de Parintins, devido a sua imponência, era um reservatório noturno das rasga-mortalhas, acomodadas na sua estrutura de cobertura, onde não havia sido colocado o telhado.

Quando uma pessoa estava doente, os devotos iam à igreja fazer promessa para cura de seu ente querido, todavia se tinha o alerta para que, por pressentimento, não olhassem para cima, pois a rasga-mortalha poderia cegá-los.

Várias pessoas se impressionavam com o “piado” da coruja, característico de um rasgo de um tecido de linho e, muitas vezes, ao voltar para casa, constatavam o falecimento do doente para quem tinham ido pedir a cura.

O conto dos causos se espalhou rapidamente aos quatros cantos da cidade, a ponto de ocorrer, em um determinado casamento, a explosão de fogos de artifícios às 19 h. Não

por conta da cerimônia, mas para espantar as corujas rasga-mortalha do telhado da igreja, de modo a evitar o fracasso do casamento. Porém, o fogueteiro, na metade da missão, foi atingido por um morteiro, que provocou queimaduras de segundo grau em seus braços. Por isso, muita gente imaginava que era um castigo da rasga-mortalha por tentativa de expulsá-la de um dos seus melhores abrigos.

# JACURUTU: O PROTETOR DA FLORESTA

**Sebastião José Nascimento de Souza**
Morador do bairro Itaúna II

Meu avô sempre me contou a história do homem pássaro que protege a floresta de homens maus que a desmatavam e exploravam. Segundo ele, o Jacurutu era um tipo de entidade, um ser com poderes mitológicos, que vagava pela floresta em busca de caçadores e de madeireiros ilegais para puni-los. Ele me dizia que eu devia proteger e cuidar bem dos animais e das árvores do nosso sítio, senão o Jacurutu viria atrás de mim.

Segundo o imaginário do meu avô Carlos, o Jacurutu era uma coruja gigante que caçava à noite todos os humanos que de dia maltratavam os animais ou a floresta. Como castigo, o Jacurutu atacava essas pessoas com suas garras e as devoravam com seu bico afiado como navalhas, estraçalhando sua carne. O Jucurutu, que se indignou com a exploração da floresta, antes de matar os homens maus, se transformava em homem e conversava com as vítimas para tentar entender a sua verdadeira intenção.

Certa vez, meu avô Carlos me contou a história de um amigo que viu o Jacurutu e sobreviveu para contar essa história. O homem tinha o costume de buscar lenha todos os dias para o forno à lenha que tinha em casa, que utilizava para fazer suas refeições diárias. Devido ao inverno, este rapaz decidiu que deveria acumular uma quantidade maior de lenha em sua casa. Por isso, ele decidiu que, para alcançar seu objetivo, deveria derrubar algumas árvores. Esse processo era trabalhoso demais, passou horas fazendo, quando do nada um outro homem de sua altura, com um chapéu de palha e carregando um machado apareceu, oferecendo-lhe ajuda. O rapaz resolveu aceitar a ajuda desse estranho, que, no decorrer do trabalho, fazia perguntas sobre o motivo que o levou derrubar aquelas árvores. O homem explicou ao estranho que era apenas para utilidade de casa, que utilizava para preparar a alimentação e para passar os dias frios do inverno.

O rapaz conta que estava de costa para o Jacurutu, cortando os últimos pedaços de lenha para levar para casa quando seu companheiro de trabalho desapareceu como um fantasma que nunca esteve no local. O homem relatou que, no caminho de casa, avistou uma coruja grande observando-o e que, ao avistá-lo voou para longe, gritando "JU-CU-RU-TUUUU", como se a coruja dissesse "tenha uma boa viagem para casa meu amigo, você tem um coração puro". Meu avô dizia que o Jacurutu não era um ser mal, que ele só castigava os homens maus que tinham intenções ruins em seus corações.

# CRIANÇA QUE CHORA AO MEIO DIA NA ESCADARIA DO SÃO BENEDITO

**Hudson da Silva Lima**
Morador do Vila Cristina

Esta história me foi contada, no mês de junho de 2021, pelo advogado parintinense Narciso Picanço e pelo compositor Tadeu Garcia. E eles contaram pra nós sobre a criança que chorava ao meio dia, na escadaria. Segundo eles, é... esse evento se passou na cidade de Parintins na década de 60, 70, principalmente, é na escadaria da igreja São Benedito, que antigamente a igreja São Benedito foi uma das principais de Parintins, inclusive sendo a Catedral, digamos assim, porque foi primeiro a igreja São Benedito, depois a de Sagrado Coração de Jesus e agora a atual Catedral.

Então, antes ali era o centro antes da cidade e, depois, quando mudou-se para outro local, ainda continuou servindo de espaço para pescadores e todo tipo de pessoas que vinham de várias comunidades: Chibuí, Limão, segundo eles. E eles disseram que horário de onze e meia, meio dia, era proibido... Os pais diziam: - Olha não passa pela escadaria do São Benedito, "tu vai" morrer. Por quê? Porque, segundo eles, é... tinha uma criança é ... uma criança chorava, um neném chorava, era... as pessoas escutavam as crianças chorando, né? e o choro atraía as pessoas, tipo o canto de uma sereia, é... um canto melancólico, um canto de choro.

Segundo Tadeu e o seu Narciso, várias pessoas cometeram suicídio, é... cometeram suicídio naquela escadaria devido serem atraídas pelo canto da criança chorando. Então era proibido... as pessoas quando passavam horário de meio dia, que batia o sino da Catedral, que batiam os sinos antigamente nas igrejas. É... o curumim que passasse por ali, pela frente da igreja de São Benedito, próximo a escadaria, não passava de jeito nenhum, porque dava medo, era de arrepiar. Eles disseram que faziam grupos pra tentar ir, né? mas ninguém tinha coragem de ir sozinho. Eles confirmaram que era entre quase dez pessoas desapareceram ali. Segundo eles, porque elas foram seduzidas, hipnotizados, na realidade, pelo chora da criança.

A história era que uma mulher... ela acabou perdendo... teria sido um naufrágio, quando ela chegou numa determinada área da cidade do interior, que a correnteza do Amazonas "tava" muito forte e perdeu uma criança recém-nascida bem na escadaria. E a mulher...ela passou várias e várias vezes nesse horário de meio dia pra olhar se encontrava a criança. Aí começou, né? A lenda, a história, que depois tornou-se uma história meio de visagem, né? No caso, a criança fazia visagem nesse horário de maio dia, né? Então, todo mundo na época deles conhecia essa história, né? E eles próprios falaram que vários jovens, inclusive, cometeram suicídio. Se está relacionado ou não ao conto da criança, é uma coisa que precisa ser investigada. Mas, segundo eles, várias pessoas cometeram suicídio nesse horário, morreram afogadas nesse horário de meio dia, entre onze e meia e meio dia e meia, na frente da igreja de São Benedito, atual São Benedito mesmo, né? Ali perto ao prédio da Seduc Parintins.

Inclusive o neto da dona Darcy, que residia, quando viva, ali na Armanda Prado, nas mediações da praça do São Benedito, morreu afogado ali no rio Amazonas perto da escadaria. Ele deveria ter, no máximo, 8 anos. A família conta que deram falta do menino pelas 15h, teriam deixado de vê-lo antes do meio dia. Aí, quando deram falta do menino, começaram a procurá-lo, mas só no outro dia, quando passou um navio, foi que o corpo da criança apareceu boiando próximo à escadaria. Dizem que estava prezo nas pedras que existem no local. Foi mais uma morte que fortaleceu a história da visagem da criança que chora ao meio dia na escadaria do São Benedito. [1]

1. Narrativa a partir de entrevista, por isso a presenta das marcas da oralidade.

# JUMA

**Josias Ferreira de Souza**
Morador do São Francisco

Ouvir muitas histórias na aldeia. Minha vó materna, depois do trabalho, de tarde, próximo do pôr-do-sol, gostava de contar histórias. Juma é uma dessas histórias que marcaram a minha vida. Qualquer parente que anda pelo rio Andirá sabe que a floresta tem dono e um guardião. Foi minha avó materna que me explicou onde vive o Juma e o que ele é capaz de fazer.

Juma é temido pelos caçadores, pescadores e pessoas que não respeitam a natureza. Sua função é proteger a floresta, o rio e os animais. Nunca ninguém viu o Juma, mas todos que tentaram desafiá-lo contam o que ele aprontou na mata ou no rio. Sempre tem alguém no rio Andirá que conta uma história sua sobre o Juma.

Minha avó contou que, um dia, um parente foi caçar, mas, antes de entrar na mata, viu o jabuti em seu caminho. Não ligou. Viu o jabuti e seguiu mata a dentro. Foi assim mesmo, pensou que podia ignorar o aviso. Porém, o jabuti é um aviso que não pode ser ignorado pelo caçador. Ele andou muito, andou em círculo, já estava cansado, triste sem matar nenhuma caça, parecia que os animais tinham sumido.

Foi o Juma que colocou o jabuti no caminho do caçador, para dizer que não queria ele ali. Aliás, o Juma deu, naquele dia, um jabuti para ele comer com sua família. Como o caçador foi teimoso, o guardião do lugar confundiu o caminho do caçador, levou o caçador para outro lugar, bem longe dos animais. Sabendo que o Juma estava lhe testando, ficou no mato à noite, na espera. A noite veio e com ela veio a escuridão, não dava para enxergar nada, apenas escuridão. Escutava o barulho infernal e ensurdecedor dos animais da noite, visagens, animais que não existiam, *ahi'ag* – demônio. Desesperado, triste, desanimado, com muita forme, retornou para a aldeia. O Juma o deixou voltar vivo para contar aos seus parentes e filhos que não poderiam ignorar os sinais da natureza.

Minha avó contava também que aconteceu com outros parentes. Um dia, foram pescar aqui no igarapé próximo de casa. A água do igarapé estava tranquila, eles pescavam de caniço, mas nenhum peixe mordia o anzol. De uma hora para outra, o rio começou a se agitar. O mais estranho é que não tinha vento de onde vinha o banzeiro. Sabendo da história do Juma, voltaram para casa, sem hesitação, pois sabiam que o Juma estava lá e pedia para saírem do lugar. Chegando na aldeia, contaram a outras famílias que relataram a mesma história. O Juma avisa antes, para não pegar ninguém desprevenido, os mais experientes, depois do aviso, não enfrentam, respeitam.

Minha avó contava que antes de ir para a mata fazer o roçado ou qualquer outra coisa, antes, temos que pedir permissão ao Juma, se apresentar. Não é porque nascemos e moramos ali que não precisamos pedir permissão. Por isso que o caçador ou o pescador precisa ser curado, receber a autorização para explorar o lugar, pois ninguém pode com a

força da natureza.

Por isso que minha avó contava que temos que levar presentes para o Juma. Colocar no tronco da árvore, *tawari* – cigarro, tabaco, álcool, *putá* - comida, algo que o deixe alegre. Os velhos contam que é preciso oferecer algo. Em troca, ele nos oferece caça, peixe e deixa obter alimento. Facilita e não deixa acontecer nada. Mas temos que respeitar a natureza, pegar o que é necessário, sem exagero. Se exagerar, da próxima vez, não conseguirá mais alimentos. Até na roça é preciso prestar atenção. Nunca se pode deixar nenhuma mandioca para trás, senão, da próxima vez, somos cobrados, acontece alguma coisa com a gente.

# PROCISSÃO DOS MORTOS

**Yandrei Souza Farias**
Morador do bairro Dejard Vieira

A Procissão dos Mortos, como os antigos moradores de Parintins chamam, é um ritual religioso de recomendação das almas, que está relacionado às práticas católicas da Europa durante a Idade Média, mas que, atualmente, ainda é encontrado entre as práticas do catolicismo popular em várias regiões do Brasil, inclusive aqui em Parintins. O ato de encomendar ou rezar para as almas é uma prática de fé trazida pelos colonizadores portugueses. Essa prática ainda hoje é encontrada dispersa pelo Brasil de forma bastante similar ao modo como a manifestação é realizada em Portugal.

Em Parintins, o ritual de Recomendação das Almas acontece durante a semana santa (quarta, quinta e sexta), a partir das 18h. Os recomendadores, trajados com seus uniformes (camisa branca, calça preta e com um manto sobre a cabeça) e com um sino em suas mãos vão acompanhados de um padre até o cemitério da cidade. Lá o padre toca a sineta para chamar as almas dos falecidos que estão no cemitério para, assim, dar início a procissão dos mortos.

Eles, então, seguem em procissão segurando velas acesas e vão em direção às residências de familiares, amigos ou de quem solicitou as orações pelos mortos. No início, são entoadas ladainhas, cantam os sete Benditos e, a cada Bendito, são oferecidos um Pai Nosso e uma Ave Maria. Os rezadores se organizam em grupos, depois um rezador específico de cada grupo é responsável por colocar uma vela acesa ao pé do cruzeiro no cemitério e outra na porta de cada casa dos entes queridos dos mortos recomendados. O papel desse rezador, além de rezar, é carregar as velas e o isqueiro nas noites de ritual. A vela é um símbolo importante, pois representa a luz para as almas dos mortos. Após os rezadores concluírem sua penitência, retornam ao cemitério à meia-noite da Sexta-Feira Santa para devolver as almas ao local e, assim, encerrarem o ritual.

Um recomendador de almas contou-me que, em Parintins, o ritual acontece em feriados católicos como na Semana Santa e Dia de Finados. Nestas datas, orações e ladainhas são ofertadas às almas para elas encontrarem seu caminho (Céu ou Inferno). As vestimentas são importantes para o andamento da cerimônia. Usam camisa branca, calça preta e uma toalha branca sobre a cabeça. Segundo o recomendador que me contou essa história, o branco significa a paz, por isso os mortos são enterrados de branco.

O recomendador de alma também falou que a toalha branca sob a cabeça durante o ritual de recomendação das almas é indispensável, pois ela evita que eles possam visualizar os espíritos que estejam em volta deles e ajuda a manter a concentração deles nas orações para não sofrer ataques de almas. Elas agridem as pessoas desavisadas que não respeitam o bom andamento da recomendação dos mortos.

Lembro das palavras dele dizendo assim: - A tolha branca que usamos na cabeça,

é um gesto de respeito, a gente faz aquilo porque a gente não quer ver remorso para nem um lado. A gente põe a toalha branca na cabeça e fica só espiando para a frente, para a pessoa que está segurando a imagem de Cristo e uma vela acesa. Olhamos somente para aquilo, então é um tipo de respeito e consideração no momento que estamos fazendo a recomendação das almas.

Os rituais realizados em Parintins fazem uso principalmente de orações católicas durante o processo de recomendação. Recita-se sete orações do Pai Nosso e mais sete ladainhas com letras que tratam da morte e da ressurreição de Cristo. A Recomendação das Almas é, para muitos, um gesto para relembrar os entes queridos já falecidos, mostrando que foram partes importantes da vida deles.

No dia 2 de novembro, feriado católico, conhecido como Dia dos Finados, é a data de relembrar os entes, homenageando seus túmulos com flores e velas, um gesto de amor realizado anualmente. É por meio de cânticos e de orações que eles recomendam as almas dos mortos, pedindo perdão por seus pecados para que a família dos falecidos se sinta bem em relação ao destino final da alma de seu parente.

Antigamente, os mais velhos moradores de Parintins diziam que ninguém podia olhar a procissão passar, para evitar de uma alma vir lhe entregar uma vela. No dia seguinte, a vela viraria um osso de alguma parte do corpo humano, e a pessoa teria que ficar esperando na porta da casa para devolver o osso à alma.

Então, ninguém se atrevia a olhar a procissão passar.

# NAVIO ILUMINADO

**Amanda Vieira Soares**
Moradora do São José

Numa manhã de um domingo, como de costume, fui visitar minha avó paterna, dona Maria Rosario. Sentamos à frente da casa dela, ela sentou em sua cadeira de balanço como sempre faz. Então, me deu uma enorme vontade de me relembrar da minha infância, de quando eu era pequenininha, quando ela me contava histórias. Histórias que os pais dela contavam para ela. Minha avó repassava essas histórias para mim e para minhas primas. Então pedi: - Vó! conta uma daquelas histórias que a senhora me contava na infância! Ela sorriu e começou a contar:

- O caso aconteceu na ilha de Santa Rita, meu pai que contava à minha avó. Eu escutava só depois de tá entendida. Uma família viajou para o lago do Curumucuri, um lago central, e nesse lago é... tem uma ponta chamada Fortaleza, cheia de pedras pretas e onde as pessoas encostam para tomar banho, fazer necessidade ou até fazer alimento. Naquela época, as canoas usavam todas de palha, e os pais foram para terra e a moça ficou na canoa e dormiu e "tava" menstruada. E quando eles voltaram para casa deles, voltaram pra casa deles, pro Santa Rita, a barriga dela começou a crescer. Cresceu, cresceu e os pais perguntavam, e ela dizia que ela não tinha usado homem nenhum. E quando chegou na época de nascer, nasceu e era um menino, mas com aspecto de morto. E eles enterraram lá mesmo atrás da casa deles, lá na ilha de Santa Rita. E quando foi à noite, deu um tremendo temporal com chuva. E quando foi de manhã só tinha buraco e pano e caixão, menino num tinha nada. Aí, passaram-se os tempos, ele começou a aparecer lá, chamando pela mãe dele. Já era pelos sete anos, chamando pela mãe dele, que ele queria "mamá", e ela teve medo. E nunca deu de "mamá" para ele e, a última vez que ele voltou lá, ele disse pra ela que nunca botasse os pés numa canoa que ele afundava, que ele era filho dela, mas que ele era uma cobra, era filho de uma cobra. Aí, pronto, nunca mais, e ele sumiu. E depois ele aparecia como navio, navio iluminado, mas que num viam ninguém, ninguém, ninguém. E aí depois, quando já estava pelos seus 18 ou 20 anos, ele saia nas festas lá no Curumucuri, donde ele era filho, ele saia nas "festa", e ele dizia quem ele era, ele conversava com as pessoas, só que antes de meia noite ele sumia. Ele dizia que deixava a canoa dele na... num ponto seguro, no igarapé que entra pro lago, que vem do Amazonas. E assim foi, assim foi... Aí, ele só aparecia em navio.

E não faz muito tempo, lá em Óbidos, que o paraná de dona Rosa, onde eu morava, caiu tudo. E as pessoas procuraram seus rumos, né? Foi uma moradora do paraná de dona Rosa que era minha vizinha, quando eu morava lá. Ela me contou que a terras caídas "estava" próximo à casa dela. Ela já "tava" morando na cozinha, e o neto dela "tava" doente. E por um buraco que tinha na parede da cozinha, ela pode perceber que tinha navio grande quase já encostando na terra. E aí ela foi olhar, e o resto da gente dela também foi olhar. O navio foi se afastando, se afastando, ficou mais longe da terra caída e eles olharam não

viram ninguém, ninguém, o navio não fazia barulho só iluminado. E quando foi noutro dia... e eles saíram de lá logo. E quando foi no outro dia, a terra sentou lá. Eu acreditei que era ele avisando para ela sair de lá, que a terra ia para o fundo, como foi.

Nessa parte da história, perguntei da minha avó como ele se apresentava nas festas, ela respondeu: - Como homem, ele dizia como era o nome dele, por isso que o papai contava. O nome dele era João Guimarães, filho de Carlota Cametá, que era o nome da mãe dele, que morava no Santa Rita. E ela só foi pra canoa depois de morta, quando levaram ela, e ele ainda disse depois nas últimas da .... que tinha gente que cura, né, e que ele vinha na linha, ele disse que ia acabar com a ilha de Santa Rita e acabou, não tem nadinha, foi tudo embora pro fundo. E ele disse né... no corpo dessa menina lá que era filha da minha vizinha, que ele ia embora pro oceano, que por aqui ele não aguentava mais, que ele "tava" muito grande.

Ao ouvir a minha avó contando mais uma vez essa história, relembrei minha infância em Parintins, recordei do medo que sentia ao ouvir ela narrar essas histórias. Para não ficar tão assustada, dizia que não acreditava, mas até hoje eu fico pensando nessas histórias. Quero contá-las para meus sobrinhos e filhos quando os tiver.[1]

1. Narrativa a partir de entrevista, por isso a presença das marcas da oralidade.

## MÃE D'ÁGUA DA LAGOA AZUL

**Sebastião José Nascimento de Souza**
Morador do bairro Itaúna II

A Mãe D’Água da Lagoa Azul é uma história do imaginário parintinense, especialmente dos moradores das ruas três e quatro do bairro Itaúna II. Segundo relatos dos primeiros moradores da proximidade, essa história começou bem antes do bairro ser criado.

Há muito tempo, na localidade só existia a mata verde com muitos animais silvestres, em que a natureza gozava de sua mais pura liberdade e os animais viviam tranquilos por todo os lugares. Essa realidade mudou quando essa área da cidade virou ocupação (por volta de 1990, devido ao êxodo rural) e milhares de pessoas estabeleceram moradia no local, derrubando árvores e afastando todos os animais.

Os primeiros moradores da proximidade da Lagoa Azul construíram uma espécie de poço (cacimba) para utilizar como fonte de água, comum naquela época. O que estes moradores não esperavam era que este poço daria origem a uma lagoa no meio do bairro, anos depois chamada de Lagoa Azul.

Os mais velhos moradores contam que a Lagoa Azul é um olho d’água que surgiu por revolta da natureza para afastar e castigar quem residia próximo dela, o que aconteceu à medida que a lagoa crescia. Por muito tempo, no período chuvoso, a lagoa enchia e afetava a vida desses moradores, levando lama e sujeira para dentro de suas casas. Este, segundo os relatos, não foi o único castigo da natureza, pois a Lagoa Azul possui uma Mãe D’Água, uma entidade espiritual que protege os poucos animais que ainda estão pela redondeza dela e que castiga quem se aproxima deles com intenções ruins.

Ouvi uma vez de uma velha senhora que a Mãe D’Água, como castigo, enlouqueceu um jovem morador que vivia pescando e tomando banho na lagoa. Segundo esta senhora, o rapaz perdeu a sanidade e vivia dizendo que queria encontrar a mulher que morava no fundo da lagoa. Ela dizia que a família tinha que prender o jovem rapaz para ele não pular na lagoa, o que aconteceu diversas vezes. A família temia que ele morresse afogado, porque ele vivia dizendo que tinha que encontrar a Mãe D’Água a todo custo. Muitos dos primeiros moradores tiveram que mudar de casa por medo da Mãe D’Água da Lagoa Azul, com medo de enlouquecerem como aquele jovem rapaz.

## A MULHER DE BRANCO DO SANTA CLARA

**Gabriel Ferreira Fragata**
Morador do Paulo Corrêa

As cores brancas com tom acinzentado predominam nos seus cabelos longos, a palidez da pele e o rosto enigmático encoberto por um véu fazem da Mulher de Branco a figura mais assombrosa do bairro de Santa Clara, em Parintins, município do Baixo Amazonas, distante 370 quilômetros em linha de Manaus.

Aos 15 anos de idade, o meu pai, Edilucio Vieira Fragata Júnior, com 49 anos atualmente, foi testemunha da temida Mulher de Branco, que, durante a noite, guarda o porto de embarcações na escadaria do hospital regional Jofre Cohen.

À época chamado de Fundação Sesp, o local se transformou em cenário de pesadelo do meu avô, saudoso fazendeiro e comerciante paraense Edilucio Vieira Fragata, e do meu pai.

Na derradeira noite de uma ilha Tupinambarana pacata, sem os barulhos noturnos que não deixam a cidade dormir hoje em dia, pai e filho retornavam de uma visita à casa de Raul Plácido, localizada na avenida Amazonas, também conhecido como meu bisavô. Os dois seguiam a pé para passar a noite no barco encostado no porto onde aparecia a misteriosa Mulher de Branco.

Após minutos de caminhada, ao chegarem na entrada da unidade hospitalar, tudo começou a mudar. O calor noturno se refez em um vento gelado inexplicável até mesmo pela proximidade com a margem do rio Amazonas por detrás do hospital. Por isso, o medo passou a tomar conta do meu avô e do meu pai e ambos nem imaginavam o que estava por vir.

A cada passo, a sensação de desconfiança aumentava, mas os dois seguiam firme até chegarem à escadaria do porto. Ali estava a Mulher de Branco. O pai ficou paralisado, enxergava a visagem trajada de cor branca, sem, ao menos, os pés dela tocarem o chão, flutuava no lado dos dois.

O meu pai não via a figura tenebrosa, mas sentia o vulto e o ambiente pesar cada vez que ela deslizava bem ao lado de seus corpos congelados pelo medo do ataque, o qual foi evitado por pouco, assim diz a história relatada pelo meu pai, o qual guardou, por longos anos em sua memória, o encontro com a Mulher de Branco. Ele contou ainda que até hoje a guardiã misteriosa do porto do hospital segue por lá. É a partir da meia noite que tudo piora. A Mulher de Branco aproveita para apavorar.

Há quem não acredite, ou quem tenha testemunhado, como meu pai e meu avô, e afirme com todas letras que ela está à espera de alguém. Ninguém jamais conseguiu enfrentar a visagem e talvez nem se atreva. Esse é um mistério que continua a assombrar os moradores da Santa Clara. [1]

1. Nome de um bairro de Parintins, Amazonas, Brasil.

# ERA UM CORPO OCO NO CORPO DE MIM

**Kenedi Santos Azevedo**
Morador do Bairro da União

Nem todos acreditam. Tudo aconteceu no ano de dois mil e um. O mês era março. Eu estava às margens do rio Mamuru, quando ouvi um assoviar finíssimo que entrou pelo meu ouvido e adentrou o meu ser, arrepiando seguidamente todo meu corpo. No momento, não dei atenção e continuei meu serviço, sem saber que aquilo mudaria toda minha vida e da minha família.

Um mês depois retornamos à cidade, onde haviam ficado meus outros irmãos e minha namorada. Apesar de não comentar sobre o ocorrido e ter guardado apenas para mim, um dia me vi com a cabeça em outro lugar, inerte em um fato do passado. De repente, sem qualquer explicação, senti um frio na espinha e um suar estranho que não consegui mover-me de onde estava. Apaguei! Quando voltei em mim, vi minha mãe passando álcool no meu rosto e com um pedaço de algodão ensopado me fazendo inalar o cheiro do líquido. Ela, sem saber o que fazer, perguntou o que estava acontecendo, e se eu havia feito o desjejum. Respondi que sim; mas não era falta de alimento. Até então não conseguia explicar, aumentando com isso, cada vez mais, a curiosidade de muitos e a preocupação de minha mãe.

O trecho acima é uma parte do relato que consegui do meu amigo Pedro, no período difícil que ele passou com seus familiares. Resolvi transcrevê-lo para não dizerem que estou mentindo.

Depois de seu primeiro desmaio, outros vieram seguidamente, fato que deixou seus pais preocupados: levaram-no a um hospital para fazer um exame, mas nada foi diagnosticado. Alguns meses se passaram, nesse vai-e-vem-do-hospital-sem-resposta.

Numa manhã de domingo, em pleno mês de outubro, aconteceu o que já era previsto, um desmaio, pois todo nascer do sol era assim; mas algo diferente assustou a família: ele começava a fazer força, suas veias saltavam parecendo serpentes para dar um bote certeiro, seu corpo todo enrijecia, sua pele tremia, os olhos não abriam. Ninguém conseguia entender o que acontecia com ele naquele momento. Após algumas horas Pedro retornou ao seu estado normal, ficou olhando as pessoas ao seu redor sem entender o que havia feito para todo aquele espanto; o que o incomodava era a fraqueza que estava sentindo, uma tristeza profunda, um arrependimento jamais sentido.

Isso tornou-se frequente no dia a dia daquela família.

Pedro falou que havia conhecido um lugar muito bonito, diferente de tudo que já tinha visto na vida. Disse que um homem de branco o acompanhava e mostrava tudo para ele, dizia os nomes dos lugares, nome de árvores que sequer conhecia naquela cidade. Não sabia o que acontecia quando ficava desacordado. Era como se ele entrasse em um mundo novo, novas pessoas, árvores bonitas, casarões brancos, no entanto, o homem que

o acompanhava dizia para não se apegar àquelas coisas que via.

Um rio cristalino descia de uma gruta e corria lentamente, melancólico levando as flores de uma árvore coberta de rosas. Mulheres bonitas banhavam-se em seu leito. Mulheres como aquelas não havia conhecido[1].

Caminharam pela floresta, na verdade por um jardim. O homem de branco apresentava-lhe todas as árvores e seus respectivos benefícios e malefícios para a saúde humana. Além disso, deixou-o conhecer todas as espécies de animais e bichos encontrados naquele lugar, muitos, Pedro não saberia dizer o nome.

Um dia Pedro desmaiou mais uma vez, entretanto seus familiares não se assustavam mais com isso, quando, de repente, ele falou, porém, sua voz grave espantou os que estavam presentes na varanda da casa naquele momento. "Eu sou aquele que cuida deste corpo desde que ele era criança".

A mãe não acreditava nessas coisas de superstição, espíritos e outras coisas fora do normal. Aquela voz, provocando um eco, continuou dizendo: "Moro a seiscentos anos no fundo do rio, habito a carcaça de um boto, meu pai foi morto por um pescador, minha mãe morreu quando nasci...". A mãe de Pedro descrente disse para o filho parar de brincadeira, no entanto, aquele que gostaria de ser chamado rei do rio voltaria diariamente, agora com uma história estranha a cada aparição.

Desde então, a vida de Pedro ficou assim, parasitada por um ser que vinha de algum lugar e voltava para lugar algum. Fizeram de tudo para que ele fosse embora, mas ele não ia, gostava daquela situação, de estar em um corpo humano.

Outra vez a família, reunida em casa, nervosa com as ações que Pedro fazia ao deixar seu corpo. Um susto assombrou o rosto daquelas pessoas. Aquele que se dizia rei do rio não o era, era outro que falava em levar o homem consigo, deste modo, corpo e alma para si. Nesse mesmo dia, Pedro foi com os irmãos banhar-se na lagoa da Francesa, não na parte poluída, mas na parte ainda limpa, caiu nas águas escuras e nunca mais voltou... Só restaram suas anotações e os testemunhos da família e dos amigos.

---

1. Trecho copiado do caderno de Pedro.

# A PORCA

**Docelina Matos**
Moradora do São José

Foi terça-feira de Carnaval, foi trabalhar, aí não tinha ninguém na rua não, a rua “tava” morta, né? Aí, quando eu chego quase lá na esquina, eu olho um monte de porquinho. Aqueles “porquinho”... eu nunca tinha visto porco aqui na rua. Eu fiquei olhando os “porquinho”, me admirando dos “porquinho”, tudo bonitinho, né? Aí, quando eu vou dobrando a esquina, que eu olho pro outro lado assim do portão da casa do vizinho Zezinho, que eu olhei aquela monstra porca, mas maceta da porca, a porca me olhando, mas uma porca cara estranha, porco tem a cara cumprida, né? A dela era redonda. Aí eu olhei aquela porca com pelo, os pelos do meio da costa dela “chega tava” igual espinho de tucumã. Eu fiquei...olhei pra porca e a porca me olhando.

Eu “foi” me embora para o trabalho também, aí quando eu voltei de tarde, eu falei pros “menino”.

Um dia, eu conversando com minha vizinha, eu disse:

- Dona Benio, eu vi uma porca aqui.

- Mas de noite?

- Não, foi de dia, dona Benio, num tinha ninguém na rua.

Aí ela me disse que sempre aparecia essa porca aqui na rua, né? E eu nunca tinha visto, desde que me mudei pra cá, eu nunca tinha visto essa porca não. Só vi nesse dia mesmo. E num tinha vizinho nenhum que tinha porco aqui, se tivesse todo tempo “tava” aparecendo porco aqui na rua. E nunca apareceu mais.

Mas era uma porcona, com quatro “porquinho”. E eu patetando pros “porquinho” que eram “bonitinho”. E quando eu dobro pro outro lado, a mãe “tava” bem no portão da casa do Zezinho. E uma porca, mais estranha, com carona, a cara dela era “redunda”, não era cumprida não. Eu não tive medo não, eu só fiquei olhando assim pra ela, eu não sou muito de ter medo não. Eu enfrentava visagem no interior, aí eu não fiquei com medo não.

Mas eu sabia que sempre aparecia mesmo aqui no bairro, porque sempre quando minha prima morava lá na outra rua, né? O marido dela sempre via. Quando ele ficava lá pelos brega e quando voltava, ele sempre via diz que essa porca aqui pela esquina, um monte de filho. Aí toda vez ele falava pra gente. Mas a gente dizia que era ele que chegava porre. Quando foi nesse dia, eu vi.

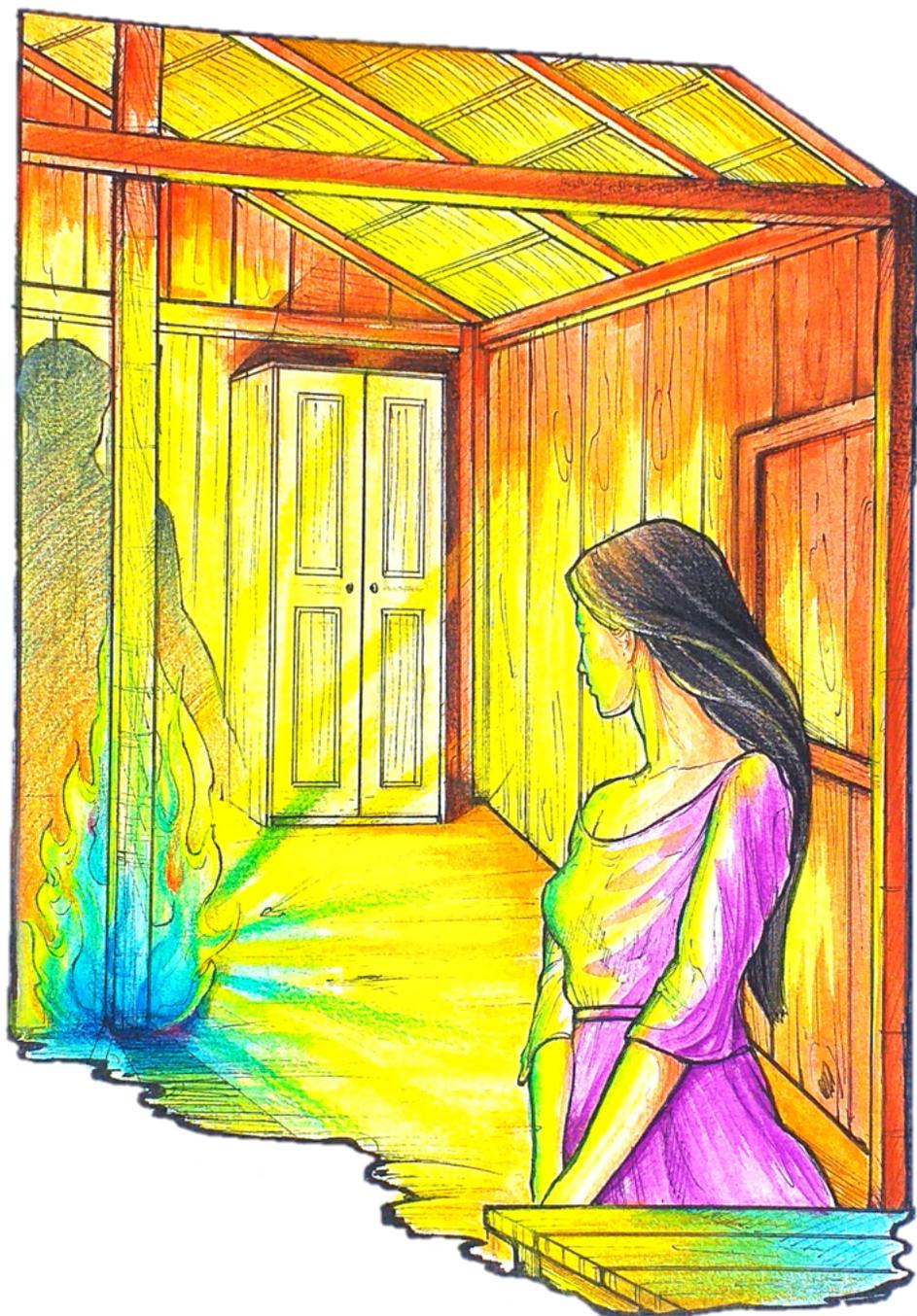
E a vizinha também disse que uma vez o filho dela também chegou da festa parece, num sei “da onde”, também viu essa porca bendita porca com os “filho” aí lá no canto. Diz que apareceu de noite pra ele, né? e pra mim já foi de manhã. Nesse dia, não tinha ninguém na rua, nem os “cachorro” num “tavam” na rua. Aí eu me deparei com aquele monte de porquinho, eu fiquei assim, né? Mas não fiquei com medo não. Ela era toda preta, toda preta, não tinha uma parte dela branca e os “porquinho”... tinha dois “branquinho” e dois

“pretinho”, mas eles eram tão “bonitinho”, aqueles “porquinho”, parece até que não eram “porco”. Porco é sujo, né? mas eles “tavam” tudo limpinho, isso eu fiquei me admirando assim com os “porquinho”. Eles tavam lá fuçando, né? comendo lá na sarjeta, roncando e todo bonitinho assim. E quando olhei, me deparei que eu fui dobrar, a porcona, aquela porca me encarando, como quem diz assim: - Pega meus filhos que eu vou fazer alguma coisa. Deve tá fazendo uns quatro a cinco anos.

Segundo a minha vizinha, que já é “morador antigo”, né? Diziam que era uma mulher que se gera pra porca. [1]

1. Narrativa a partir de entrevista, por isso há marcas da oralidade.

# FOGO MISTERIOSO

**Odete Tavares Marinho**
Moradora do Palmares

Esse foi um mistério. Nós compramos aquele terreno, naquele tempo, não tinha casa como tem hoje, num tinha mesmo. Então, como minha filha já “tava” na idade de estudar e lá onde a gente morava não tinha escola. E aí a minha madrinha disse: - Olha, essas meninas tão no ponto de estudar, vai te embora para Parintins, porque lá tem escola. E aí nós viemos, nós viemos embora para Parintins.

Era difícil, nós não tínhamos ganho, ninguém era empregada, mas a gente vivia assim, né? Eu lavava roupa pra cá, meu marido trabalhava aí pelo interior e, assim, a gente ia vivendo, né? E “compramo” um terreno, “compramo” um terreno ali no Palmares. Nós “compramo” um terreno lá e fizemos uma casa, uma barraquinha. Primeiro uma barraquinha de palha, toda cobertinha de palha, parede de palha, gente vivia lá. Quando foi um dia, um assim... começou a fazer a “misura”, visagem mesmo.

E minhas filhas já estavam grandes e eu ia para igreja, saía, né? E elas ficavam, às vezes elas iam, às vezes elas num iam comigo. Quando foi um dia, assustaram elas pra lá, apagaram a luz, elas ficaram pela casa do vizinho.

Meu marido trabalhava fora assim, era vaqueiro, né? Ele trabalhava semanas, passava semana na fazenda, né? Ele ainda não tinha esses filhos, não tinha essa, essa aqui, ainda era só os mais velhos mesmo. E começou a aparecer: abriam a porta e jogavam as coisas, tiravam água do pote, naquele tempo a gente usava pote, num sei se “sabe” o que era púcara, metia no pote, tirava água? Faziam assim: metiam a púcara dentro do pote, tiravam água. Pareciam que “tava” tomando a água, gente ia olhar, não tinha ninguém, nada, “tava” tudo no lugar. E era um mistério mesmo isso.

Esta aqui, a Denise, estudava. Quando era de noite, quando ela voltava da escola, tinha uma pessoa, ela dizia, que era um homem bem baixinho. Então, como chovia muito nessa época, meu marido botou umas “tábua” pra gente passar, pra não sujar de lama, né? ainda não era aterrado nada, era só feito uma barraquinha para gente. E ele vinha por cima daquela tábua e o sapato daquela pessoa barulhava na tábua, né? ficava bem lá no pé da cozinha.

Nessa época, aí já a nossa casa já era de madeira, aí começou aquela arrumação, né? Eles abriam a porta, a chave caia da porta, a gente ia olhar não tinha ninguém, não via ninguém, mas faziam toda essas “misura”. Apagava a luz, essa aqui tinha medo. Na sala, a gente não dormia. Verdade! Elas não dormiam na sala. Fazia visagem mesmo.

Quando nasceu o filho da minha filha mais velha, ela “tava” fazendo o alimentozinho dele, ele tomava e ela “tava” lá olhando... aí eu disse: - Meu Deus! A Socorrinho tá deixando queimar a comida da criança. Eu fui olhar...

- Não, mamãe, um fogo aqui muito bonito no pé do esteio do meio da cozinha, sabe?

Meu Deus!

- Que nada.

- É mamãe, tá aqui, mas senhora falou, o fogo sumiu.

Eu nem sempre ligava para isso, mas eu dizia pro meu marido: -Vai pedir um aparelho, colocar aqui, quem sabe não é dinheiro que tem aí. Ele: - Que dinheiro, que nada! Isso é invenção da cabeça de vocês, que eu ando toda essa casa, fico só, não vejo nada.

Essa aqui... a pessoa andava na tábua, entrava na casa, vinha pra cozinha, só não mexia com ninguém. Com o passar do tempo... e assim sempre era aquela arrumação.

E um dia, já era tarde, eu atei a minha rede, assim, no quarto, no canto da casa por cima da cama. E aí aquela mão, aquela mão tão grossa, parece uma lixa, esfregou no meu rosto, esfregou, esfregou. Aí eu chamei meu marido:

- Washington! Acho que o Pedro já chegou.

- Por quê?

- Eu acho que ele chegou, porque esfregaram a mão no meu rosto, é uma mão grossa igual a mão dele.

- Não, quando o Pedro chega, ele bate na porta, ele chama.

Ele levantou, foi ver, não tinha ninguém, ninguém, meu irmão, ninguém.

Aquela casa era visagenta, mas a gente já não tinha mais medo, de ficar, de dormir. Minhas filhas tinham medo, elas tinham medo. Quando foi um dia, a minha comadre, madrinha do Jorge, meu filho, me chamou e disse assim: - Comadre, eu vou lhe contar uma coisa, tem uma pessoa que, quando a sua filha chega da aula, a Denise, né, essa pessoa fica no portão esperando ela. Quando ela chega, que entra no portão, ele sai. Só fica esperando que ela chegue. Ela entrava, ele saia. E ele anda nesta tábua que o compadre botou aí. Andava de sapato pela tábua, aquela alma perdida. Só podia ser uma alma perdida.

Passou-se o tempo, ninguém sabia o que era, fazia visagem. Na sala, ninguém gostava de dormir, porque lá ele abria a porta, metia a chave, tirava a chave, jogava a chave no chão, era uma barafunda.

Passou-se o tempo, e elas saíram tudo, foram tudo embora, casaram, cada uma foi pro seu lugar. Aí o meu marido entendeu de vender a casa, porque lá era quente, era pequeno, não tinha por onde se mexer, não tinha quintal. Aí... até enfim vendeu a casa. Vendeu a casa, comprou esse terreno aqui. Aí nós “se” mudamos pra cá.

O homem que comprou a casa não foi muito besta, dormiu lá as primeiras “noite”, viu o que acontecia e pegou aparelho, viu onde estava o dinheiro, fez um buraco enorme

bem perto do quarto que eu dormia. Tirou o dinheiro, vendeu a casa e foi-se embora, né? E acho que tá vivendo até hoje com o dinheiro que ele tirou. Dizem que até hoje ainda faz visagem lá, num sei, mas que fazia visagem, fazia! [1]

1. Narrativa a partir de entrevista, por isso há marcas da oralidade.

# COBRA GRANDE DE PARINTINS

**Gabriel Ferreira Fragata**
Morador do Paulo Corrêa

Imagina se Parintins um dia, de repente, desaparecer? Já pensou uma ilha com mais de 110 mil habitantes ser engolida pelo rio Amazonas? Mas isso seria possível?

Para os mais antigos, como contava o meu bisavô Raul Plácido ao meu pai e meus tios, moradores do bairro do Santa Clara, só a Cobra Grande poderia afundar a ilha Tupinambarana. Um animal peçonhento encantado, adormecido por milênios nas profundezas da cidade faz muitos dos moradores antigos de Parintins o temerem.

No pátio de sua casa, meu bisavô narrava que debaixo da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, situada no centro da cidade, antes da construção, descansava a Cobra Grande.

Antes da construção sob a batuta do primeiro bispo de Parintins, Dom Arcângelo Cerqua, missionário italiano do PIME, existia um buraco descomunal que podia chegar até a orla da cidade. Um ponto de fuga da enigmática serpente encantada ao rio Amazonas. No entanto, para isso, seria preciso um movimento da Cobra após despertar, que seria tão violento a ponto de empurrar a ilha ao fundo do maior rio do mundo e transformá-la numa nova Atlântida.

Há mais de 10 anos sem estar no meio de nós, a profecia de Raul Plácido segue sem se cumprir de que no derradeiro dia isso aconteceria. Apenas um movimento da gigante cobra seria a destruição de tudo.

Enquanto isso, os parintinenses passeiam, oram, namoram e vivem pela praça da Catedral, onde repousa a Cobra Grande encantada. A vida segue normalmente até o possível despertar dela, como contava meu bisavô, história reafirmada por meu pai e agora por mim. Gerações diferentes passaram pela cidade e cada uma delas torceu para que nada disso aconteça.

Assim, dizem que a Cobra Grande descansa embaixo dos pés de Nossa Senhora do Carmo, que, para alguns, é quem não deixa a cobra afundar a ilha. Talvez a Cobra Grande descanse sob os pés de nossa senhora eternamente, ou não...

# NEGRINHO DO IGAPÓ

**Ana Ferreira de Souza**
Moradora do Paulo Corrêa

Eu sou Ana Ferreira e vou contar uma história que aconteceu no interior da minha casa. No interior da minha casa, tinha um casal de idosos, que se chamava Martíria e Luiz. Eles moravam sempre sós, os dois. E um dia, ele, ele adoeceu e foi para Parintins, se cuidar pra lá. E nesse meio tempo, ela ficou sozinha na casa, porque ela não queria que ninguém fosse para lá com ela. Não queria ir pra casa de filho e que ninguém fosse pra lá, pra ela não dar trabalho. Então, ela ficou só.

Um dia ela passou mal com algumas coisas que "tavam" acontecendo com ela. Ela dizia que sentia muita dor de cabeça e via o Negrinho do Igapó. O Negrinho do Igapó é como se fosse a mãe do riacho. Ela adoeceu tanto que levaram ela a um curador. Ele disse que ela, a mãe do riacho, "tava" judiando dela, que ela tinha que sair de lá para ela se cuidar, senão, ela ia morrer. Então, como já tinha dois doentes, ela continuou lá, porque trataram dela. Ela melhorou e continuou lá.

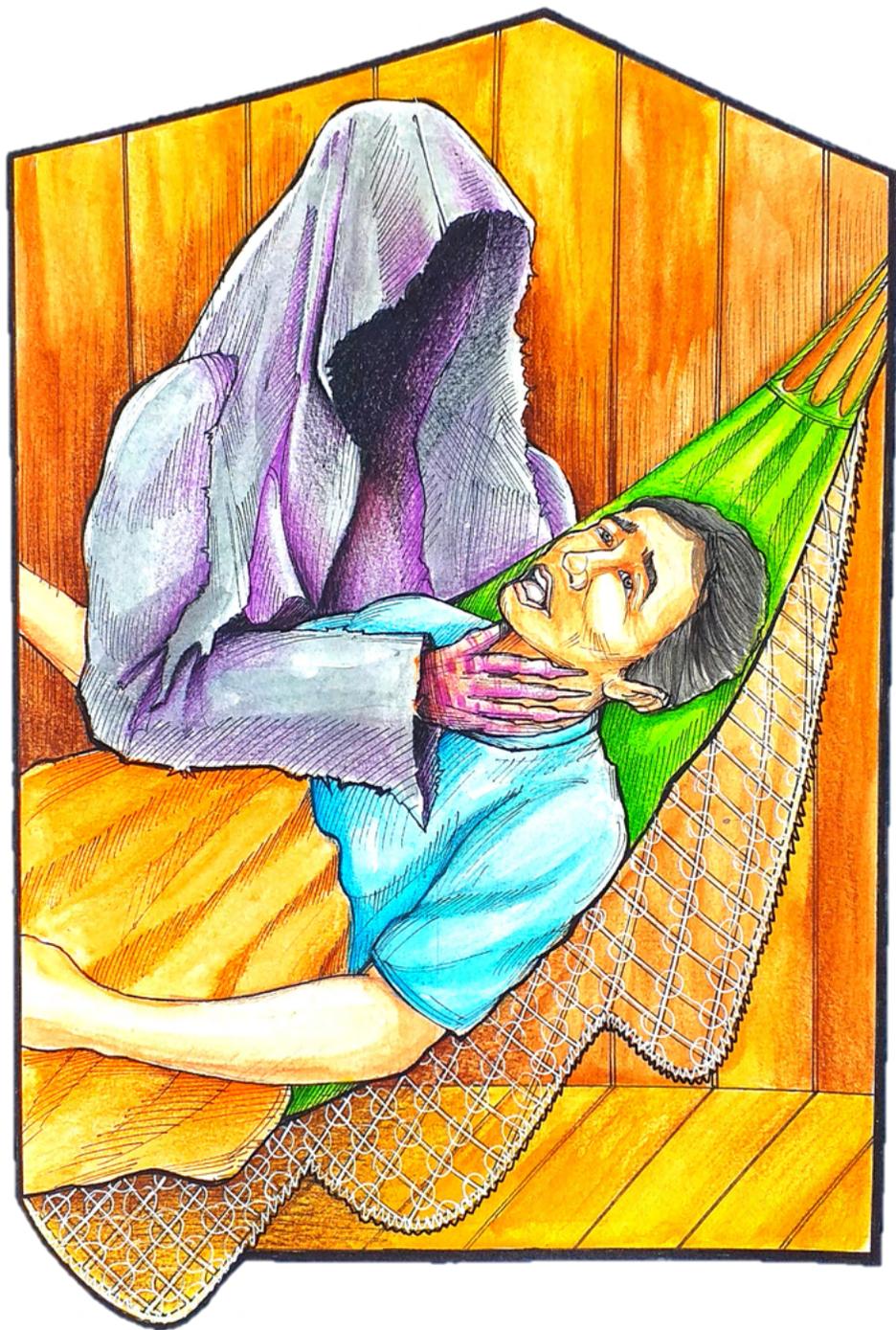
E o marido melhorou e foi embora de volta, ficou com ela lá. Foi a partir daí que ele melhorou, ela adoeceu muito. E levaram ela pra cidade, não descobriram o que ela tinha. Então, ela adoeceu a ponto de falecer.

Os vizinhos do casal falaram para o marido dela que foi o negrinho do igapó que judiou dela. [1]

---

1. Narrativa a partir de entrevista, por isso há marcas da oralidade.

## O FINADO QUE ENFORCA

**José Caldeira Alves Brilhante**
Morador do bairro Emílio Moreira

Ouvi de um senhor idoso a história que vou contar. O fato se passou numa comunidade do interior de Parintins, quando ele ainda residia lá. Ele contou que sempre a comunidade foi pacata. Localiza-se na cabeceira do rio Uaicurapá. Fica próxima a lindas praias que aparecem no verão. Lá havia muitos pescadores que sempre, em suas canoas, buscavam no rio aquele almoço e jantar diário. Mas, quando uma caça aparecia, o cardápio mudava.

Uma vez ao ano, a festa do santo da comunidade acontece. É o evento mais esperado. Os "cabocos" vestem suas melhores roupas e passam os perfumes mais cheirosos para tentar conquistar as ribeirinhas. A igreja toda fica ornamentada com bandeirolas coloridas.  A animação toma conta da comunidade, principalmente com os preparativos das guloseimas, vendas de bingos e pratos sortidos. A pastorinha é de lei, assim como quase todos fugindo da cigana.

Juntos se "achegam" à dança com música ao vivo. Após aproveitarem bem, cada um procura sua turma e, geralmente, finda a noite com uma cachaça na praia.

Em certa festa do santo, com Raimundinho não foi diferente: bebia álcool como água e acabou aceitando fazer uma saideira com colegas que ainda não tinha visto pelas redondezas. Até aí nada de anormal em tempo de festa. Lá pelas tantas, com todos já embriagados, um dos companheiros de bebedeira, resolveu se refrescar na água do rio. Nenhum dos colegas se opôs, apesar do teor alcoólico estar muito elevado, inclusive Raimundinho até incentivou o camarada ao refresco. Ele mesmo só não foi porque não conseguia nem se levantar. Só se mexeu depois, com muita sonolência, porque ouviu gritos bem leves.

O recém-colega, de repente, estava em apuros. De relance, desesperado, viu Raimundinho se mexer, gritou por socorro com último fôlego e com esperança de ser ouvido pelo colega, mas não obteve resposta. Com a adrenalina, o álcool evaporou da corrente sanguínea de Lucas e ele, percebendo que poderia morrer, começou a se debater na água para encontrar algum apoio em algum tronco e salvar a própria vida. Os companheiros em terra estavam todos adormecidos, não sabendo distinguir o que era vento ou uma pessoa se afogando.

Com o raiar do dia, os organizadores da festa foram acordando os bêbados e recolhendo o lixo da praia, foi, quando, então, encontraram um corpo boiando, indo e voltando na correnteza do rio, todo inchado e com partes comidas por alguns peixes. Era o corpo de Lucas. A pele do morto estava toda roxa. O rosto dele estava desfigurado, o crânio estava à mostra. Os peixes carnívoros, possivelmente piranha, muito comum na região, tinham feito o estrago no falecido, a fim de saciarem a fome voraz. Os olhos estavam

saltados para fora, esbranquiçados pela água. A triste cena impressionou a todos que ali presenciaram a retirada do corpo das águas.

Após verem o morto, gritos de "ele está morto, ele está morto. Está boiando, meu Deus. Os olhos estão para fora" acabaram acordando o resto do pessoal que se encontravam quase em coma alcoólico. O grupo, quase automaticamente, fez a contagem dos colegas e viram que faltava um, era o rapaz da cidade que estava passando a semana naquele interior. Quase em sincronia, uns em voz alta, outros em pensamento, falaram: - É o Lucas!

Raimundinho, após passar o susto, ficou refletindo! Poderia ter ajudado o finado, ainda em vida, porque talvez tenha sido o único a ouvir os pedidos desesperados de Lucas. Contudo, naquela altura, o rapaz já estava morto e ele não podia fazer mais nada para salvar o colega e acalmar a própria consciência.  Os dois dias seguintes foram de aflição, estava se culpando. Mas, ao saber do enterro do finado Lucas, Raimundinho teve paz.

Como tradicional caboclo ribeirinho, Raimundinho, depois do almoço, recompunha suas energias deitado numa rede. Uma semana depois do triste incidente com o colega, quando estava num sono pesado e tranquilo, Raimundinho começou a sentir um forte odor de enxofre misturado com podridão e um grande calafrio lhe subiu pelas pernas. De imediato, o corpo começou a reagir, fazendo-o despertar, era o que parecia para ele. Quando abriu os olhos, viu um homem de preto, todo molhado, com o rosto escondido por uma sombra nada reveladora, velando seu sono. O misterioso olhava fixamente para seu rosto, com aquele cheiro fétido, exalando no ar. Nesse instante, o corpo de Raimundinho começou a tremer, até os fios de cabelo ficaram arrepiados, perdendo em seguida a autonomia sobre seu próprio corpo. Os braços e pernas não respondiam ao comando de Raimundinho, o que ele conseguia fazer era tremer. Até o ainda místico soltar uma frase e deixar aparecer os dentes de fogo, parecendo brasas ardentes: - Eu te pedi ajuda, sei que você ouviu. Quando escutou a primeira palavra, o paralisado Raimundinho viu a sombra se dissipar, mostrando a metade do rosto do "dito cujo", o rosto estava comido, com os olhos para fora, do mesmo jeito que encontraram Lucas.

Mudo, o amedrontado já sabia quem era, tentava ficar em pé a todo custo, mas o corpo continuava rígido dentro da rede enquanto lhe escorriam lágrimas pelo rosto. A visagem, baforando fogo, gritou mais uma vez assim: - Você deveria ter me ajudado, para eu não morrer, agora vou te levar comigo, já pulando no pescoço de Raimundinho, que só fazia se debater, curiosamente como Lucas no momento da morte. Foi quando Raimundinho começou a orar, queria se livrar das mãos em seu pescoço, da agonia da morte. Então, os músculos de Raimundinho foram relaxando, seu corpo estava molhado de suor e o pescoço cheio de marcas vermelhas. O ribeirinho pinguço, se desvencilhava e se

libertava da visagem, vendo-a desaparecer...

No outro dia, assim que amanheceu, Raimundinho foi procurar o curador da comunidade para receber umas benzeduras e tentar não ser mais visitado pelo "Demo", como ele falava. Desde lá, até o dia em que me contou essa história, nunca mais tinha sido visitado pelo além.

# VISÕES

**Gerson André Albuquerque Ferreira**
Morador do Dejard Vieira

Minha mãe sempre conta história de visagens que aconteceram com ela. Certa vez, ela falou sobre as coisas que minha irmã via. Ela contou assim:

Essas histórias que vou contar são verdadeiras, aconteceram aqui na minha casa comigo. Eu tenho uma filha que mora em Manaus. Certo dia, ela apareceu grávida e veio ter o filho aqui em Parintins, pra "mim" pedir pro médico operar ela pra num ter mais filho. Ela veio pra cá, pra casa, eu cuidei dela e tudo e falei como médico, Dr Osvaldo e ele não se negou a operar. Disse apenas: - Se der dor nela e tu vieres aqui no hospital e eu não estiver, "tu vai" lá na secretaria, que lá eu vou deixar um recado...

Bom aí chegou a hora dela ter o neném, eu me arrumei e fui levar ela pra ter o filhinho dela. Teve em paz, graças a Deus. Nasceu tudo bem, o nome dele é André Luiz, porque André Luiz é um espírito muito famoso. Então ela botou o nome do filho dela André Luiz. E veio para cá para casa.

Certo dia, o menino já estava maiorzinho e veio fazer o mingau da criança aqui na cozinha enquanto eu fiquei com ele lá na frente. Demorou um pedaço, ela chegou lá tremendo, pálida, pálida, que não podia falar. E eu me assustei muito naquela noite, eram sete horas da noite. Eu disse: - O que aconteceu, minha filha? Ela não falou. Aí...

- Venha dormir comigo, mamãe, que eu estou com medo.

- Mas de quê?

- Eu vi um homem, quando "tava" fazendo mingau, eu vi um homem alto, todo "espaladafado".

- E só isso?

- Só, mas estou com muito medo.

Aí eu fui dormi com ela e com a criança.

Quando foi de manhã, umas onze horas, o seu Espedito Dinele, a mulher já tinha morrido, ele foi viajar, ele ia viajar, ele não queria viajar. Ele queria ficar aqui na casinha dele, mas aí tanto insistiram que ele concordou.

Só que convidaram ele para almoçar lá na casa do seu Araudo Dinele e ele não apareceu lá. Mandaram a empregar ver. Ela chamou, chamou, não respondeu. Ela subiu o muro e olhou, ele "tava" caído morto no chão. Tinha se atirado. Aí foi aquele alarme danado. E ela viu, a minha filha viu, foi lá e veio contando: - Ah! mamãe, já sei, vou lhe contar a história do seu Espedito.

Ela nunca tinha ido na casa do seu Espedito Dinele. Aí eu disse: - O que que "tu sabe" que tem lá?

- Na cabeceira da cama tem uma foto da dona Naná, ele pegou mais de duas vezes

a foto e olhou, olhou e deixou no lugar. Foi na mesa tomar uma xícara de café, buscar o revólver e veio, se sentou no batente da porta da cozinha de saída. Aí se matou, se matou. Fizeram aquela gritaria, aquela arrumação toda. Ela disse:

- Enquanto isso, ele tomava café e sentou na cozinha, no final da porta, a dona Naná veio, ela já era falecida. Ela veio e se agarrou com ele e disse: - Não, meu velho, não faça isso, não faz isso, Espedito, por favor! Pelo amor de Deus, não faz isso. Mas ele não escutou, deu o tiro e morreu.

Aí deu onze horas lá no Araudo Dinele e ele não apareceu. Mandaram ver, era ele que "tava" morto. Aí eu chamei a Luiza, eu chamei a Luiza que que dormia lá. Quando eles viajavam, a Luiza dormia lá. Luiza, irmã do Xibelão, Zeca Xibelão, brincava no Caprichoso. Aí eu disse: - Luiza, me diz uma coisa, na casa do seu Espedito tem uma foto no pé da cama, no espelho da cama ou melhor, da dona Naná? Ela disse tem. Tinha uma xícara de café pela metade em cima da mesa? Tinha. Por que tu "pergunta" de mim? Aí eu mandei minha filha Rita repetir a história, aí ela se espantou, cruzou as mãos e disse: - Meu Deus do Céu, Rita! tudo isso que ela contou é verdade. Aí pronto, essa é a história. [1]

---

1. Narrativa a partir de entrevista, por isso há marcas da oralidade.

# REFERÊNCIAS


BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia* – Análise do processo de desenvolvimento. 2.ªed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

FRAXE, T. J. P; WITKOSKI, A.C; MIGUEZ, S.F. *O Ser da Amazônia: Identidade e Invisibilidade*. Cienc. Cult. Vol.61, nº. 3, São Paulo, 2009. Disponível em: <http:// www.cienciaecultura.bvs.br/sciello.php.> Acesso em: 15 jul. 2016.

MARQUES et al. *Lendas e Causos do povo potiguara*. João Pessoa: UFPB, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

## SOBRE A ORGANIZADORA

**HELLEN CRISTINA PICANÇO SIMAS -** Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas. Possui doutorado e mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba; Pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense - UFF; graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. Membro do programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas. Membro da Comissão de Línguas Ameaçadas da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN. Líder do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). Atualmente desenvolve pesquisa relacionada ao português indígena Sateré-Mawé do Baixo Amazonas, além de estudos vinculados às áreas de Linguística Indígena e Linguística Aplicada com ênfase nos seguintes temas: educação escolar indígena, política linguística, bilinguismo, gêneros textuais, letramento, ensino aprendizagem da escrita e da leitura, produção textual, ensino de línguas e gêneros textuais jornalísticos na perspectiva bakhtiniana e pecheutiana. E-mail: india.parintintins@gmail.com

Histórias Ancestrais
do
Povo Parintinense
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br
Atena
Editora
Ano 2021

Histórias Ancestrais
do
Povo Parintinense
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br
Atena
Editora
Ano 2021